

# Contos por Bayja

João Cilli

2021

Esses textos foram escritos nos últimos dois anos de minha mãe, Bayja Maffud Cilli, diagnosticada com doença de Alzheimer.

Bayja nasceu, em Arceburgo-MG, em 12/11/1935, filha dos libaneses Sara Fadel e Elias Maffud.

Casou-se em 1958, aos 22 anos, com o único homem e amor da sua vida, João Baptista Cilli (30/07/1935 - 20/05/2017).

Oito filhos: Maria Aparecida (Cida), Benedito (Ditinho), Maria Alzira, Maria Angélica, Ana Lúcia, Eduardo, João (Dione) e Otávio.

Conviveu para sempre com João Baptista, pois jamais pôs crédulo na sua partida, apesar de todas as evidências que a cercavam, ou nos cercavam, na verdade.

O voto matrimonial de que “até a morte os separe” foi subvertido, então, por Bayja.

Nunca houve a separação.

Foi costureira, confeitadeira e música, três ofícios que serviram em vários casamentos em Arceburgo-MG, pois fazia o vestido da noiva, enfeitava a igreja, produzia o bolo e tocava o órgão na cerimônia.

Foi comerciante.

Adorava baile, viagens e mesa cheia.

Com João Baptista, tinha um passinho de dança inimitável.

Foi uma mãe presente, carinhosa, batalhadora.

Faleceu em 15 de junho de 2020 e deixou muitas saudades.

Os textos que se seguem dão vozes a ela, segundo o que poderia captar o coração de um filho.





um

- Mãe. Mãiê. Mãe!

Ninguém responde.

Respondo eu:

- Venha aqui, meu filho!

O rapaz ao meu lado, no meu quarto, diz:

- É o filho da...

Claro que não! É meu, o filho. Uma criança não fica sem resposta na minha casa, chamando "mãe".

- Venha, meu filho. Venha cá!



## dois

"Onde estará o meu amor?", cantava uma cantora baiana no rádio que ficava sempre debaixo da janela.

Perguntei:

- Onde está o meu marido, heim?

A moça da ponta da mesa fingiu estar entretida no celular. A outra, que tentava colocar uma colher de sopa na minha boca, que eu evitava só para aquilo durar muito tempo, como uma massagem que a gente gosta, devolveu a pergunta:

- Onde está, heim, mãe?

Repeti:

- Onde está o meu marido?"

Quase ao mesmo tempo em que a cantora cantarolava: "Onde estará o meu amor?"

O rapaz, com um garoto dependurado em seu pescoço, respondeu:

- Está com o Bim.

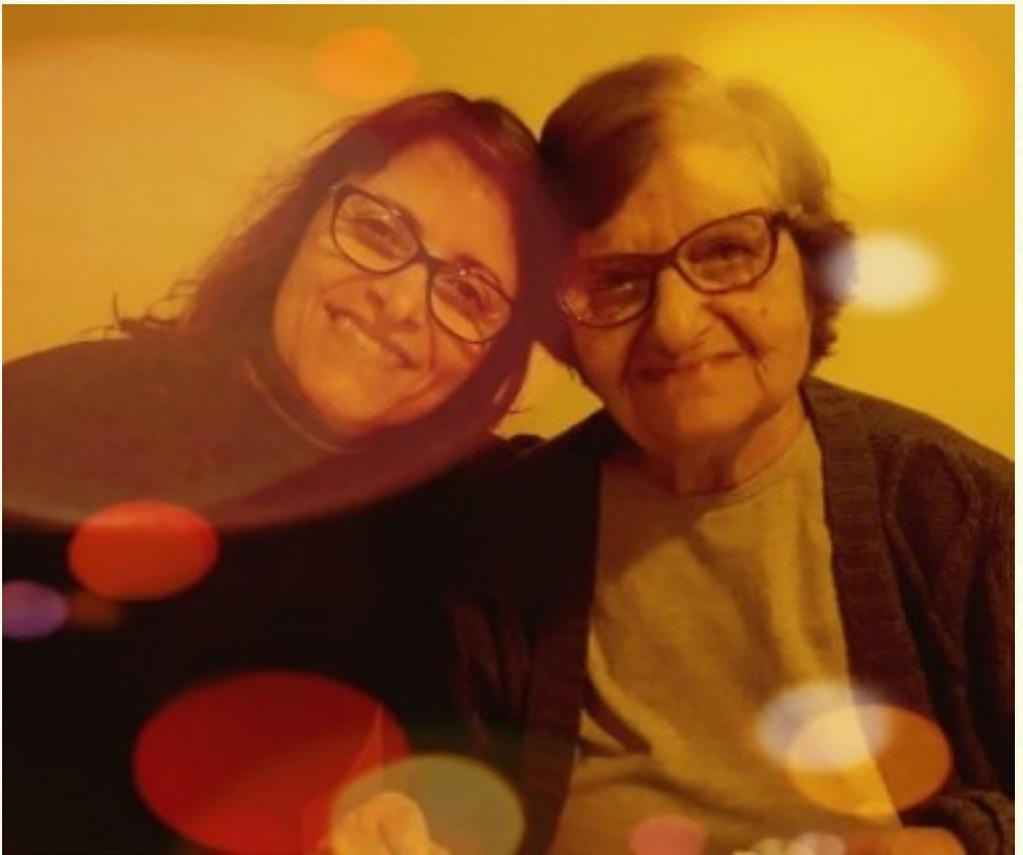
"Onde estará o meu amor?", uma canção cantarolava debaixo da janela.

A pergunta cantada sentou-se no sofá da sala da minha cabeça, ao lado da "Ave Maria", lendo um jornal, com a tevê ligada, com a manchete: "Onde estará o meu amor?"



## três

Vou à janela. A rua não é a da minha casa. Pessoas que não conheço passam. Oferecem um sorriso, um aceno a essa desconhecida, atrás das grades que não são da minha casa. Os carros só descem. Na rua da minha casa, todos os sentidos são válidos, os rostos são familiares. João sobe do trabalho, assobiando, e, se ele fosse à janela, poderia me ver, indo e voltando do trabalho, em ambos os sentidos.



## **quatro**

É difícil segurar o sorriso quando vejo a Ana.  
O cheiro, os olhos e as mãos de Ana são cheiro, olhos  
e mãos de quem ama.

## cinco

Querem que eu levante e ande.

Não gosto de andar, gosto de dançar.

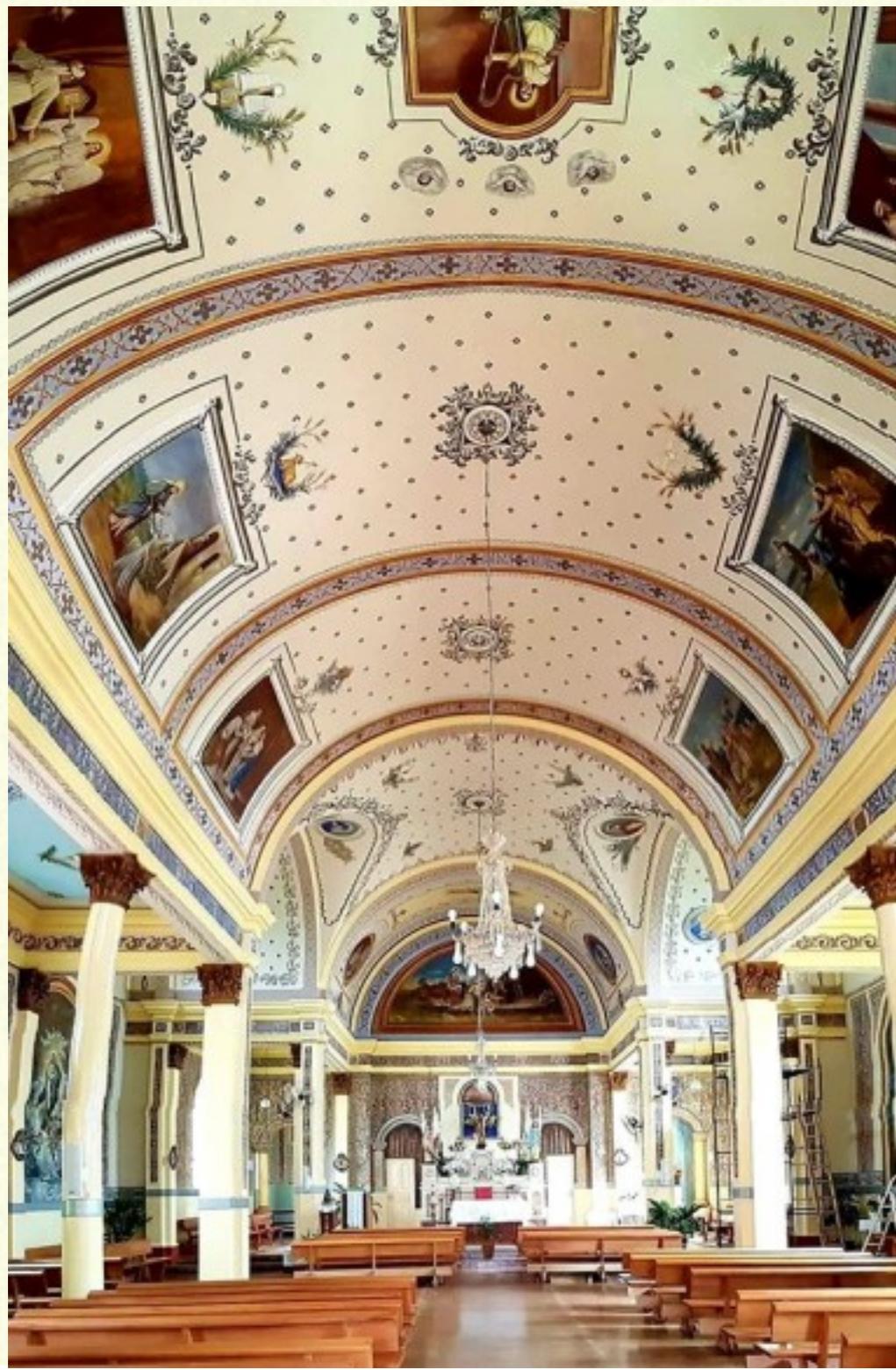
Um deles sabe disso e se acha esperto, acha que me engana.

Outra deu-me as mãos e pediu com ternura, mas resisti como um saco pesado.

O metido a esperto já vem cantarolando Ray Conniff, já pega as minhas mãos se balançando. Quase levanto sozinha, já vou no ritmo.

O caminho da sala ao banheiro é o meu salão.

Ele dança mal, parece que está marchando, mas não importa, finjo que é o meu parceiro sumido.





## seis

Me vejo em cada canto desse lugar.

Olho para o portal e vejo uma noiva com um vestido que confeccionei.

No canto, ao lado do altar, um coral de que participei.

Mais ao lado, teclas de um órgão que dedilhei.

Em cada banco, arranjos de flores que montei e bocas que provarão o bolo que me tomou uma tarde rodeada de filhos pequenos, com colheres nas mãos, a esperar uma panela com restos de glacê.

Ao meu lado, há um filho que batizei aqui.

Só não me lembro de como cresceu tanto e ganhou esses fios brancos.

Nos seus olhos, vejo uma fé muito distante.

Nessa hora, aperto-lhe a mão, ele me olha, com um sorriso quase infantil, e aquela fezinha lá no fundo solta uma luz feito um foguete isolado e sem som em noite de São João.





## **sete**

Um filho fazia lamentos ao meu lado.

Encarei-o com a expressão serena e clara e, sem fala:

- Vivo e luto sem mimimi.



## Oito

Seguro na sua mão e me dá uma alegria, uma paz de infância.

Nos vemos nas "Rua dos Turcos", um quibe na palma da mão, uma "cheria" na panela, um tabule na travessa; nas Pastorinhas na Igreja, a fita amarela das Cruzadas, a verde das Aspirantes, a azul das Filhas de Maria, a vermelha do apostolado.

Nós tínhamos o Elias Branco, pai bondoso e generoso,  
a Sara, nosso impulso de energia e garra.

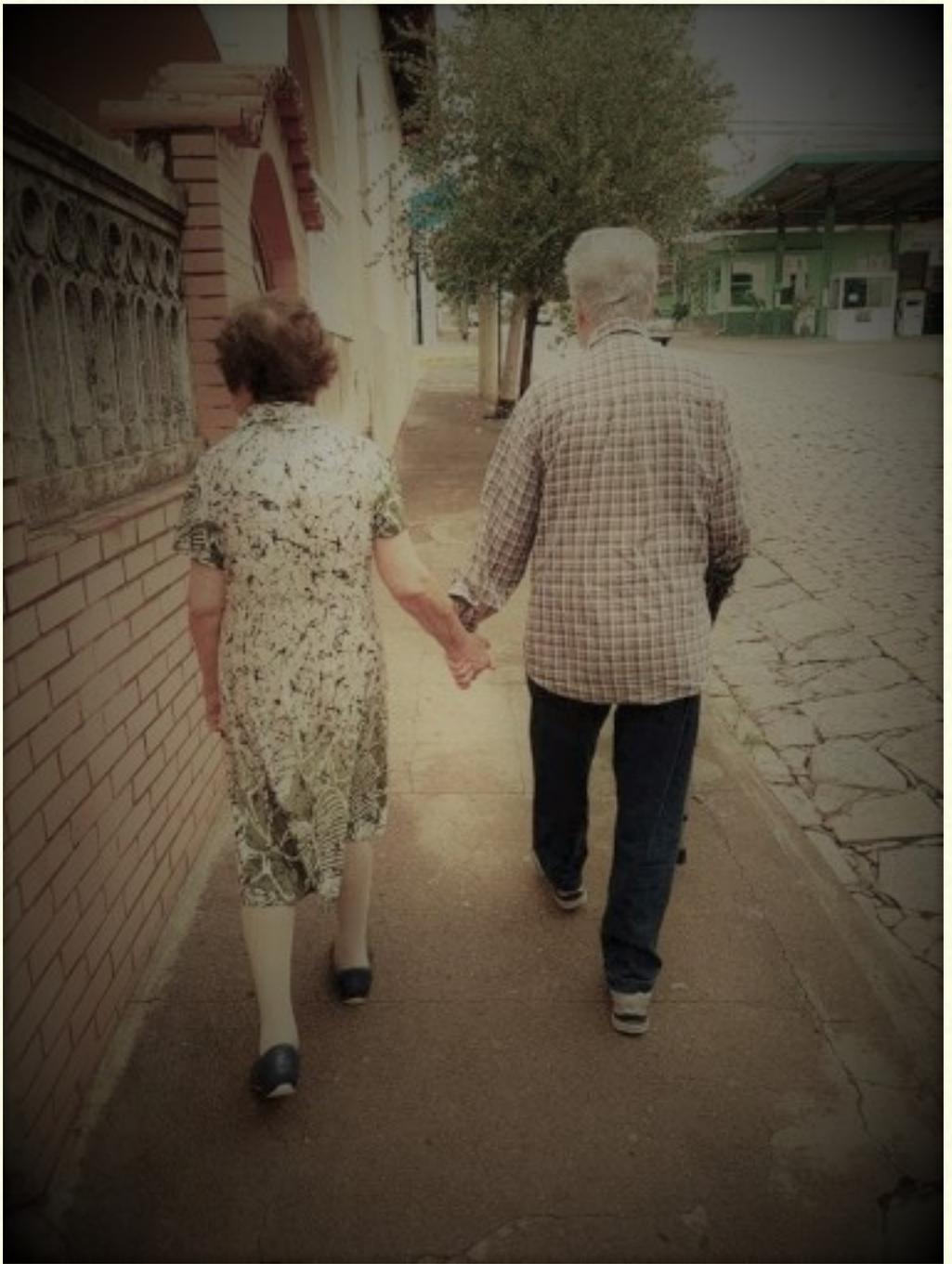
Tivemos os nossos "italianos". Quem poderia admitir,  
anos antes?

Quantos filhos!

E netos!

Seguro na sua mão e me dá uma paz no presente! - --

Habibi!



## nove

amor, eterno amor

não me importa  
se alguém de fé morta  
me diga que partiu  
ainda hoje te vi  
em nosso leito  
preparando-se para o eito  
dessa vida nada vil  
subverto o sacramento  
e sem lamento  
que ninguém repare  
não há morte  
que nos separe  
no meio de tanto esquecimento  
memórias ao vento  
te ofereço, meu bem-querer,  
o meu esqueci ... de te esquecer



**dez**

Ela disse para eu escolher o bolo para o meu aniversário.

Esse ou aquele?

Fiquei olhando nos seus olhos, tão parecidos com os meus!

Gosto de bolo.

Escolhi o que tem leite de coco e fiquei pensando nos presentes de aniversário:

Dancem comigo.

Dance comigo.

A mão de um filho.

Massagem nos pés.

Ouvir um bolero.

Cantar "Ave Maria".

Assistir a uma missa na TV.

Visitas.

Deitar.

Tudo com batom vermelho, cabelo penteado e elogios.

Adoro elogios!

## **o último conto**

Em mais uma tarde de sábado, um filho se sentou comigo ao sol.

Fiquei olhando a piscina, como se fosse o mar.

A pitangueira, o meu guarda-sol.

Desta vez, uma novidade.

Apareceu um garoto, me chamou de vó.

Trazia, nas mãos, dois livros.

Disse que queria ler para mim! Não me lembrava mais de quando li ou me leram um livro. Passava folha por folha, em leitura de criança, daquelas adequadas para uma vó, lentamente, de modo que era possível observar cada ilustração. A primeira história foi de um grande rabanete. Foi preciso que se juntasse toda a família e seus animais para retirá-lo. No final, o ratinho, o último da corrente de colhedores, achou-se o mais forte e não quis comer o rabanete, preferia queijo.

A segunda história foi de uma relação de amizade entre uma árvore e um menino, que dela recebeu

tudo, até sobrar um toco só, onde o menino, velho menino, teve o seu assento de contemplação, dessas que tenho feito quase todos os dias.

Contemplei o menino que me lembrava o meu pai.

Perguntou se eu tinha gostado e respondi com um olhar sereno, que é como respondia a muitas perguntas, há algum tempo.

Ele entendeu. Retirou-se alegre.

- Mãe, li para a vovó!”

Se tem uma coisa que melhorou muito para mim nos últimos tempos foi a audição.

Meu filho, então, me levou em cadeira de rodas, na qual já tive vergonha de sentar, mas já não me importava.

Deixava que me levassem para onde quisessem, pois o que importava era o “como” me levavam e não para onde.

E me levavam sempre em companhia.

O que mais poderia querer?

Mas, naquela tarde de sábado, me deram mais.

Deram-me bombas recheadas.

Para essas, abri a boca sem resistência, como gostava de fazer com as coisas doces.

No final, as coisas doces importam.

E, à mesa, tinham duas moças de jeito doce.

Uma foi a cozinheira do dia e a outra era a filha que esperava para me despedir.

O filho me levou à sala de TV e, como eu contemplava a rua, ele me perguntou como estava o movimento e eu pus em som uma das duas palavras do dia:

- Péssimo.

Minha filha me pôs à cama para o meu último sono.

Abaixei as cortinas das pálpebras para a vida, já que nela já não encontrava mais o meu amor, cansada das desculpas de todos.

Resolvi procurá-lo eu mesma.

Preparei-me, deixei que me dessem os últimos cuidados, despedissem, chorassem.

Esperei o último filho desta terra chegar e mentalizei o meu oitavo, em terra distante.

De algum modo, de um quase-gesto ou outro, consegui que eles entendessem que eram todos amados e que me sentia sempre amada.

Parto.

Deixo a minha última Ave-Maria cantada.

Esse mundo de mascarados, detentos e desprezados  
já não é mais o meu.

Viajo.



Dedico este livro às minhas irmãs e irmãos, à agregadas e agregados, às cuidadoras e todas e todos que, um dia, souberam encontrar na Bayja uma amizade.



João Cilli, o Dione, e sua mãe Bayja

*Editado e revisado pelo autor  
Junho de 2021*